

## SIMPÓSIO AT090

### A Iniciativa Faixa e Rota: uma oportunidade para a Língua Portuguesa

PESTANA, Luís Filipe  
Universidade Normal de Pequim - Maxdo College  
luisfilipepestana@bnu.edu.cn

**Resumo:** A Iniciativa Faixa e Rota (IFR) promete criar uma nova era no processo de globalização. Para a Língua Portuguesa, trata-se de uma oportunidade para se expandir no território chinês, uma vez que os Países de Língua Oficial Portuguesa fazem parte desta grande estratégia. Assim sendo, é importante analisar e determinar como é que o ensino do nosso idioma se deverá adaptar a esta realidade, em particular, num mercado de trabalho tão competitivo e carente de profissionais das mais diversas áreas que falem o idioma de Camões.

Esta apresentação tem como objetivo expor o trajeto recente da Língua Portuguesa na China e procurar encontrar soluções para aquilo que o mercado exige. É crucial preparar os nossos alunos da melhor forma possível para uma realidade que não pede apenas tradutores, intérpretes ou professores. A necessidade de formar quadros técnicos, como engenheiros ou advogados que conheçam a língua e a cultura dos países onde irão operar, obriga as universidades chinesas e os governos dos países da Lusofonia a procurar soluções adequadas para a formação dos estudantes chineses.

Como tal, esta apresentação analisará como a IFR irá provocar grandes alterações na forma como é ensinado o português. Através das políticas governamentais e dos programas existentes nas universidades chinesas, é possível parcialmente concluir que ainda há um longo caminho a percorrer e que há diversas lições a aprender com outros idiomas presentes na China (por exemplo, espanhol e francês).

**Palavras-chave:** Iniciativa Faixa e Rota; Língua Portuguesa; China

**Abstract:** The Belt and Road Initiative (BRI) envisioned a new era for globalisation. For the Portuguese language it is an opportunity to expand in the Chinese territory in part because the Portuguese-Speaking countries are included in this grand strategy. In that respect it is important to assess how the teaching of Portuguese as a foreign language has to adapt, in particular, to competitive job market and in need of individuals skilled in different fields that speak Portuguese.

This presentation intends to unveil how Portuguese has spread in China and what solutions can be found to respond to the job market. Our students require training that may allow them to become more than just translators, interpreters or professors. The demand for engineers or lawyers that know the language and the culture of the countries where they will work, forces Chinese universities and Lusophone countries to look for solutions suitable for Chinese students.

As such, this presentation will focus on how the BRI may impact the way Portuguese is taught at Chinese universities. Through government policies and existing programmes with Chinese universities, it is partially possible to conclude that there is still a long way to achieve these goals and many lessons to take from other languages taught in China (like Spanish or French).

**Keywords:** Belt and Road Initiative; Portuguese language; China

## Introdução

O ensino de línguas estrangeiras encontra-se em franca expansão na República Popular da China (RPC). O estatuto atual dos idiomas ensinados no território chinês é uma resposta a um mundo cada vez mais globalizado. A abertura do país ao mundo iniciada por Deng Xiaoping no final dos anos 70 do século passado, levou Pequim a procurar novas formas de dialogar com potenciais parceiros económicos. Em 1980, a população chinesa rondava os 981 milhões de habitantes e, no entanto, o ensino de língua estrangeiras ainda se encontrava subdesenvolvido. Em Junho de 1979 havia 7251 professores especializados no ensino de línguas estrangeiras e cerca de 25 mil estudantes inscritos em cursos de ensino superior na mesma área (WANG-KUN, 1981, p.654). A abertura chinesa dos últimos 40 anos apenas salientou a necessidade de formar quadros capazes de comunicar com o mundo para além da formação necessária em áreas que tornem a China mais competitiva na cena internacional.

A Iniciativa Faixa e Rota (IFR) anunciada em 2013 pelo presidente Xi Jinping promete criar uma rede de contactos que unirá o globo em torno do progresso económico (EBRD, 2019). Do ponto de vista chinês, trata-se de um objetivo comum a todos os interessados em tomar parte neste projeto. O segundo fórum Faixa e Rota contará, entre outros, contou com a presença do presidente português Marcelo Rebelo de Sousa. O ministro dos Negócios Estrangeiros chinês Wang Yi focou a importância de melhorar a sinergia entre os Estados que fazem parte do projeto iniciado pela China, mas que é destinado a todos os países (JORNAL DE NEGÓCIOS, 2019). Uma das consequências diretas desta iniciativa, como iremos ver neste trabalho, é o aumento do interesse pela aprendizagem de línguas.

A Língua Portuguesa não é exceção e terá um papel cada vez mais relevante no seio do ensino superior chinês. Ainda que o seu peso não seja comparável ao de idiomas como o espanhol ou o francês, há um enorme potencial a ser aproveitado tanto pelos governos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), como pelas próprias universidades da RPC. Como observaremos, o ensino de português língua estrangeira (PLE) encontra-se numa fase em que é necessário adaptar a oferta educativa a um mercado de trabalho que exige cada vez mais profissionais capazes de realizar tarefas distintas. Nesse sentido, verificaremos que outras línguas poderão servir de inspiração para aquilo que é possível ser feito com o português.

Por último, concluiremos este trabalho com uma breve reflexão sobre os desafios que a língua portuguesa enfrentará nos próximos anos e como é que a Iniciativa Faixa e Rota poderá afectar o ensino de PLE. À medida que a Iniciativa se expande, é expectável que o português mantenha um papel importante a desempenhar neste projeto.

### **1. O ensino de línguas estrangeiras na China: breve resenha histórica**

Em 1862, a escola de línguas Tongwenguan foi estabelecida durante o reinado do imperador Tong Zhi. O objetivo era ensinar inglês, francês e japonês. Já em 1887 contava com 120 alunos e em 1901 foi integrada na Faculdade Normal Imperial (WANG-KUN, 1981, p. 653). Nos últimos anos da dinastia Qing, diversas potências estrangeiras haviam conseguido controlar diferentes partes do país através da força (como no caso das Guerras do Ópio) ou de tratados desiguais. Em certo sentido, a criação da escola Tongwenguan procurou responder a circunstâncias que forçavam o contacto com outras nações e culturas. Trata-se de um facto não apenas circunstancial, mas que afectou o ensino de línguas estrangeiras na China nas gerações seguintes.

Após a 2ª Guerra Mundial, o russo ganhou maior peso dentre as línguas estrangeiras por causa das relações entre a recém-criada RPC e a União Soviética. Mesmo após a ruptura sino-soviética (1956-1966) a língua russa continuou a ser ensinada extensivamente nas universidades da China continental

(WANG-KUN, 1981, p.657). No entanto, a abertura iniciada com Deng Xiaoping em 1978 fez com que a RPC tivesse que se adaptar à realidade de um mundo cada vez mais interligado. Pouco a pouco, diversas línguas começaram a encontrar espaço no ensino superior chinês. A partir de 1985, o espanhol começou a alastrar-se pelo território. Já em 2014, 31 mil estudantes universitários encontravam-se inscritos em cursos de Filologia Espanhola (LU, 2015). Outro factor que contribuiu para o aumento do interesse pela língua espanhola foi a abertura do Instituto Cervantes de Pequim em 2006, tratando-se de uma resposta ao aumento da procura por aulas deste idioma associada às relações político-económicas entre a China e o mundo hispanofalante (INSTITUTO CERVANTES, 2019). Por seu turno, a Alliance Française abriu o seu primeiro centro em Cantão em meados dos anos 80 do século passado. Desde então, esta instituição conta com 15 centros na China. Ademais, mais de 170 universidades contam com cursos de língua francesa (ALLIANCE FRANÇAISE, 2019). O alemão é outra língua europeia em destaque: em 2014, havia 104 universidades com cursos de alemão. O Instituto Goethe indica que actualmente há mais de 45 mil estudantes deste idioma na China continental (GOETHE INSTITUT, 2019).

Como veremos no caso da língua portuguesa, aquilo que une estas línguas e tantas outras ensinadas no ensino superior chinês são aspetos económicos que fazem parte da política externa do país. A RPC tem como objetivo chegar ao estatuto de país desenvolvido em 2049, o ano da celebração dos 100 anos do estado comunista. Para alcançar tal propósito, o presidente Xi Jinping tem procurado reforçar os contactos económicos com diferentes partes do globo como forma de alimentar o “Sonho Chinês”. Como tal, o presidente Xi considerou fundamental envolver outros países numa espécie de globalização 2.0, em que todos saem beneficiados. A essa ambição foi dado o nome de Iniciativa Faixa e Rota.

## 2. A Iniciativa Faixa e Rota

O presidente Xi anunciou a criação de uma rede de vias que prometia reavivar a antiga Rota da Seda. Decorria o ano de 2013 quando no Cazaquistão o líder chinês lembrou a importância de melhorar a cooperação entre a

China e a Ásia Central como forma de implementar a Faixa Económica da Rota da Seda. Um mês depois, em Outubro de 2013, Xi propôs no parlamento indonésio a criação da Rota da Seda Marítima para o Século XXI e o Banco de Infraestrutura e Investimento Asiático. Ao promover a construção de infra-estruturas ao longo destas vias, a China compromete-se a contribuir para o desenvolvimento dos países envolvidos, interligando a China com a Europa, através do Mediterrâneo, do Golfo Pérsico, Ásia Central, Rússia e Oceano Índico (SHAOHUI, 2015). Este mega projeto que poderá custar \$4 bilhões de dólares promoverá projetos infra-estruturais, comércio, transportes e aumentará o intercâmbio de pessoas e capital (HILLMAN, 2018).

Este projeto chega numa altura em que o ocidente se encontra num período de grande incerteza quanto ao seu futuro: a União Europeia luta por recuperar de um longo período de estagnação económica, a que se juntou a crise dos refugiados e o resultado do referendo do Brexit; e os Estados Unidos aparentam estar a atravessar uma etapa de maior confrontação no panorama externo, sendo a guerra comercial com Pequim e o maior distanciamento face aos países que compõem a Aliança Atlântica exemplos desta evidência. Neste ambiente internacional de mudança, os países e territórios de língua oficial portuguesa têm respondido de forma positiva ao desafio chinês. Portugal, por exemplo, já faz parte deste projeto (JORNAL DE NEGÓCIOS, 2019); o Brasil, apesar de o presidente Bolsonaro pretender uma maior aproximação aos Estados Unidos, continua a ter na China um importante parceiro comercial, especialmente nas áreas do petróleo e dos recursos agrícolas; os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) mantêm fortes relações político-económicas com Pequim, sendo os recursos naturais o elemento central desses laços; por fim, Macau também faz parte da iniciativa desde Dezembro de 2018 (OBSERVADOR, 2018a).

Em suma, o potencial integrador da Faixa e Rota fortalecerá os contactos entre os estados intervenientes. Para a língua portuguesa, tal significará uma maior procura por cursos deste idioma que não só contribuam para o conhecimento da cultura dos diferentes estados lusófonos, mas também que preparem os estudantes universitários chineses para um mercado de trabalho que

carece de muito mais do que intérpretes e tradutores. A iniciativa terá repercussões no ensino de PLE na China, algo que deverá ser aproveitado pelos governos e instituições universitárias dos membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

### 3. A Língua Portuguesa: conectando a CPLP com a China

À semelhança de outros idiomas, a presença do português em solo chinês tem uma história relativamente recente. Sendo verdade que Macau fez parte do império português e que foi a última colónia europeia na China a desaparecer, o peso da língua portuguesa praticamente não se faz sentir no seio da população macaense. No entanto, a Universidade de Macau e o Instituto Politécnico de Macau têm liderado o ensino de PLE na região, garantindo a sua vitalidade no ensino superior. Quanto à China continental, o primeiro curso de licenciatura da língua de Camões abriu em 1960 e foi organizado pelo Instituto de Radiodifusão de Pequim (actualmente Universidade de Comunicação da China) e o Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim abriu o seu curso de especialização em português no mesmo ano (MAR, 2018). No caso do Instituto de Radiodifusão, pretendia-se formar profissionais que ocupassem cargos no corpo diplomático chinês (FLUL, 2016)<sup>1</sup>. Contudo, estes primeiros passos foram interrompidos pela chegada da Revolução Cultural em 1966 e apenas em 1973 o português voltaria a ter presença em universidades chinesas<sup>2</sup>.

A presente conjuntura do ensino de PLE não se deve, em grande medida, a um aumento do interesse do público pela língua ou pelas culturas dos países de língua oficial portuguesa. Com o aprofundamento dos contactos entre Pequim e estes parceiros, o português é visto como uma ferramenta que poderá abrir portas para melhores empregos. Do ponto de vista do governo chinês, o ensino de PLE faz parte da sua estratégia de globalização e de tornar os contactos entre os Estados mais fluídos e precisos.

<sup>1</sup> De referir que a RPC encontrava-se envolvida no apoio dos movimentos independentistas africanos das décadas de 60 e 70 do século XX. Convém destacar que Mao Zedong chegou a receber líderes dos movimentos de libertação angolanos, como são os casos de Jonas Savimbi.

<sup>2</sup> Os Institutos de Línguas Estrangeiras de Pequim e de Xangai abriram cursos de licenciatura nesse ano (WANG, 2001).

Até ao começo do século XXI, apenas seis universidades chinesas contavam com cursos de português. Esta oferta educativa, porém, aumentou rapidamente nos últimos 15 anos. Até ao ano letivo passado, 38 universidades tinham cursos de PLE<sup>3</sup> nos mais variados moldes, desde licenciaturas a regimes em que a língua é um “minor” do curso. Com 3500 estudantes inscritos e cerca de 170 professores<sup>4</sup> (MAR, 2018), o potencial para que estes números continuem a crescer é enorme. Ainda que existam problemas quanto à formação dos professores, dado que as licenciaturas em língua portuguesa não oferecem uma preparação adequada para quem pretende seguir a carreira do ensino, não deixa de ser relevante destacar que o corpo docente é relativamente jovem (MATOS, 2016). Nesse sentido, é expectável que estes professores procurem mestrados ou doutoramentos a curto-prazo como forma de limitar essas lacunas. Ainda que a oferta educativa ao nível do 2º e 3º ciclos do ensino superior seja reduzida na China (MAR, 2018), muitos são aqueles que procuram em Portugal, Brasil e Macau por novas oportunidades de progredir na carreira através da continuação dos estudos.

A IFR trará um aumento na procura pelo ensino de PLE. Em primeiro lugar, a vertente económica deste projeto continuará a ser força motriz por detrás das relações sino-lusófonas. Dados de 2018 indicam que de Janeiro a Setembro do ano passado, as trocas comerciais alcançaram quase \$109 mil milhões de dólares (OBSERVADOR, 2018b). Nos primeiros dois meses de 2019, esses intercâmbios comerciais já haviam alcançado \$23,58 mil milhões de dólares, sendo uma subida de 15,61% face ao mesmo período de 2018 (XINHUA, 2019). Brasil (\$17,35 mil milhões), Angola (\$4,75 mil milhões) e Portugal (\$ mil milhões) são os três principais parceiros da China<sup>5</sup> (XINHUA, 2019). Perante estes dados, o interesse de muitos chineses pela língua portuguesa irá crescer

<sup>3</sup> De acordo com o Centro Científico e Pedagógico da Língua Portuguesa do Instituto Politécnico de Macau, o número chegou às 45 universidades no presente ano. É preciso notar que mesmo este valor poderá pecar por defeito dada a velocidade em que se processa este crescimento.

<sup>4</sup> Dois terços são chineses e os restantes brasileiros ou portugueses.

<sup>5</sup> De referir que as exportações da RPC para Brasil (\$4,84 mil milhões) e Angola (\$267 milhões) registaram uma queda de 9,16% e 31,23% em relação ao ano anterior, respectivamente.

nos próximos anos desde que as relações comerciais se mantenham em crescimento.

Em segundo lugar, a IFR é uma manifestação da vontade política do presidente Xi Jinping. A presente situação do projeto irá condicionar a forma como os cursos de línguas, no geral, e os de português, em particular serão organizados. Dado que se trata de uma iniciativa assente na construção de infra-estruturas de grandes dimensões (como portos) e da melhoria das redes de transporte ( com destaque para as ferrovias), o ensino superior deve estar preparado para se adaptar às necessidades do Estado chinês e à sua capacidade de mobilização da população em torno de um objectivo concreto. Assim, caberá aos departamentos de língua portuguesa espalhados pela RPC criar programas de ensino para fins específicos. Presentemente, a Universidade Normal de Pequim através do Maxdo College dispõe de um “double major” em que os estudantes aprendem uma segunda língua (português, espanhol, francês ou alemão) e tem aulas de uma de duas áreas: Direito ou Negócios Internacionais. A própria página da faculdade aponta o IFR como um dos pressupostos que levaram à criação destas licenciaturas. Este caso poderá servir de exemplo para as instituições que pretendam criar programas assentes em fins específicos e que sejam considerados cruciais para os objetivos da IFR.

#### 4. Considerações finais

Perante aquilo que foi apresentado neste trabalho, é possível concluir que a presente vitalidade da língua portuguesa na China continental terá continuidade a médio prazo. A forma como o presidente Xi Jinping promove a Iniciativa Faixa e Rota no mundo inteiro torna clara a intenção de Pequim prosseguir por um caminho que permita um mundo mais interligado. Para o ensino de PLE, é uma oportunidade que se resumirá à forma como os membros da CPLP compreendem o seu significado. O investimento em melhores professores, mais programas de intercâmbio e mais convênios inter-universitários deverá fazer parte de qualquer estratégia a ser desenvolvida junto da China. Em contrapartida, para o governo chinês a língua portuguesa é uma ferramenta fun-



damental, uma vez que não só permite limitar quaisquer constrangimentos comunicativos, como também facilitará intercâmbios culturais. Como foi referido anteriormente, as universidades chinesas deverão alargar a sua oferta educativa ao mesmo tempo que procuram que os professores progridam nos seus estudos, de modo a que a comunidade docente de PLE na China se adapte e se engrandeça na era da globalização 2.0.

## Referências

ALLIANCE FRANÇAISE. Alliance Française de la Chine. Disponível em: <http://www.afchine.org/fr> . Acesso em 25.abr.2019.

EBRD. Belt and Road Initiative (BRI). Disponível em: <https://www.ebrd.com/what-we-do/belt-and-road/overview.html>. Acesso em 25.abr.2019.

FLUL. Português Língua Estrangeira na China: “Foi o português que me escolheu a mim”. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2016. Disponível em: <https://www.lettras.ulisboa.pt/pt/noticias/646-portugues-lingua-estrangeira-na-china-foi-o-portugues-que-me-escolheu-a-mim>. Acesso em: 30.abr.2019.

GOETHE INSTITUT. Goethe Institut China. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/cn/de/sta/pek.html> . Acesso em 25.abr.2019.

HILLMAN, J. China’s Belt and Road Initiative: Five Years Later. Center for Strategic & International Studies, 2018. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/chinas-belt-and-road-initiative-five-years-later-0> . Acesso em 30.abr.2019.

INSTITUTO CERVANTES. Instituto Cervantes de Pekín. Disponível em: <https://pekin.cervantes.es/es/> . Acesso em 25.abr.2019.

JORNAL ECONÓMICO. Líderes de 37 países participam em fórum sobre projeto internacional da China. Disponível em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/lideres-de-37-paises-participam-em-forum-sobre-projeto-internacional-da-china-435814>. Acesso em 1.mai.2019.

LU, J. Métodos según las necesidades del alumnado: la enseñanza de ELE en China. Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, 2015. Disponível em: <http://es.shisu.edu.cn/resources/news/content1915> . Acesso em 20.abr.2019.

MAR, Diana do. Português - uma língua à solta. Revista Macau. Disponível em: <https://www.revistamacau.com/2018/06/10/portugues-uma-lingua-a-solta/>. Acesso em 30.abr.2019.

MATOS, Ânia S. O ensino de Português na Ásia Oriental: de quem para quem. Forum Sociológico, 28. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/1436>. Acesso em 30.abr.2019.

OBSERVADOR. Macau assina acordo de participação na iniciativa chinesa ‘Uma Faixa, uma Rota’, 2018a. Disponível em: <https://observador.pt/2018/12/06/macau-assina-acordo-de-participacao-na-iniciativa-chinesa-uma-faixa-uma-rota/> . Acesso em 15.abr.2018.

\_\_\_\_\_. Comércio com China e países lusófonos ultrapassou 95 mil milhões até setembro, 2018b Disponível em: <https://observador.pt/2018/12/17/comercio-entre-china-e-paises-lusofonos-ultrapassou-95-mil-milhoes-ate-setembro/> . Acesso em 29.abr.2019.

SHAOHUI, T. Chronology of China’s Belt and Road Initiative. Xinhuanet, 2015. Disponível em: [http://www.xinhuanet.com/english/2015-03/28/c\\_134105435.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2015-03/28/c_134105435.htm). Acesso em 30.abr.2019.

WANG, S. A Língua Portuguesa na China. Cadernos de PLE-1. Aveiro: Universidade de Aveiro, p.165-192, 2001.

WANG-KUN. English and Other Foreign Language Teaching in the People’s Republic of China. College English, vol.43, no.7, p.653-662 [https://www.jstor.org/stable/376893?read-now=1&seq=6#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/376893?read-now=1&seq=6#page_scan_tab_contents)

XINHUA. Comércio entre China e países lusófonos totaliza US\$ 23,58 bilhões entre janeiro e fevereiro. Disponível em: [http://portuguese.xinhuanet.com/2019-04/18/c\\_137987546.htm](http://portuguese.xinhuanet.com/2019-04/18/c_137987546.htm) . Acesso em 29.abr.2019.